

Um diagnóstico a partir dos resíduos neoliberais¹

Thais Pavez

Professora colaboradora do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (DCP-USP)

Exposição sobre o livro de Wendy Brown, Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

Introdução

Com o exame do livro de Wendy Brown iniciamos uma passagem da discussão econômica, delimitada principalmente pela crise financeira de 2008, para analisar aspectos ideológicos e políticos que nos ajudem a interpretar a dupla crise contemporânea do capitalismo e da democracia, bem como, em particular, a ascensão da política antidemocrática, para usar os termos da autora, que tem em 2016 “uma mudança qualitativa”, segundo Wolfgang Streeck². Nessa virada, os trabalhadores transformados em população excedente pela globalização, que haviam voltado à política em diversas manifestações e demonstrado seus descontentamentos a partir de 2011 (na corrente da crise e da sua expansão global), formam maiorias eleitorais, dando a vitória a Trump, aprovando o Brexit etc. Essa “volta” dos trabalhadores arruinados, e sobretudo sua inclinação por um ideário de extrema direita, é a peça chave das indagações de Brown.

Dito isso, para construir a referida passagem proponho uma leitura da obra de Wendy Brown em diálogo com a proposição de Wolfgang Streeck sobre o “interregno”³. Usando a ideia de “ruínas” como eixo conector, adotada para realizar o diagnóstico contemporâneo, destaco duas dimensões da análise dos autores. A primeira diz respeito à fragmentação da sociedade e do Estado de bem-estar social nas nações do capitalismo central. E, a segunda, à internalização desses mesmos escombros, resultando, para Streeck, numa constelação ideológica, num “*ethos* neoliberal” e, para Brown, numa “subjetividade neoliberal”. Por fim, discuto alguns aspectos que ficam em suspensão na análise de Wendy Brown, principalmente o conteúdo de classe do debate ideológico.

¹ A ideia de resíduos neoliberais foi sugerida pelo professor Cícero Araújo no dia do debate, em setembro de 2020.

² Wolfgang Streeck, “El retorno de lo reprimido”. *New Left Review* 104 (segunda época, mayo-junio 2017): 7-22.

³ Idem. *How Capitalism will end? Essays on a failing system*. London-New York: Verso, 2016.

1. Sociedade em ruínas

Logo na introdução do livro, Wendy Brown formula um aparente paradoxo: a revolução neoliberal, no momento em que triunfa, dá errado. O que isso quer dizer? O neoliberalismo buscava habilitar o mercado e a moral – dupla constitutiva desse projeto, central para a análise do livro – para governar e disciplinar indivíduos, maximizando ao mesmo tempo a liberdade. Isso teria efetivamente se dado por meio do desmantelamento da sociedade e do ataque à versão democrática da vida política. Mas o triunfo do projeto resultou na “deformação” da própria utopia neoliberal “de uma ordem liberal desigualitária em que indivíduos e famílias seriam pacificados politicamente pelo mercado e pela moral, e subentendidos por um Estado autônomo e com autoridade, mas despolitizado”⁴.

No lugar do “sonho neoliberal”, uma “forma enfurecida do governo da maioria” (definida em alguns trechos como populismo) surgiu dos escombros ou das ruínas da sociedade que o neoliberalismo deixou e não desintegrou totalmente. Para Brown, a sociedade foi deixada “sem normas civis e sem compromissos em comum”. Já para Streeck, os resíduos da sociedade passam a funcionar de outra forma, “subinstitucionalizada” e “subestruturada”. Ainda mais surpreendente é o fato de essa “rebelião” ter ocorrido pela via eleitoral “após décadas de enxugamento institucional exigido pela globalização”⁵ e de ataques à democracia.

Um segundo aspecto do “descarrilamento” neoliberal, ou da distopia em que se transformou, é o engolfamento do Estado pelo mercado financeiro. Esse quadro, segundo Brown, estaria longe do sonho neoliberal “de uma ordem global competitiva, zelada por instituições supranacionais e viabilizada por Estados plenamente livres de interesses econômicos e manipulações”⁶. Além disso, ocorre a ascensão política de uma oligarquia associada a uma desigualdade social estrutural. Esse aspecto foi bastante destacado por Branko Milanović⁷ e Streeck. Portanto, teríamos duas forças sociais – uma oligarquia (ou plutocracia, nos termos de Brown) e um eleitorado ultranacionalista enfurecido – resultantes da “revolução neoliberal”, mas que para Brown são ao mesmo tempo uma ruptura com o neoliberalismo. Tais forças irrompem no cenário político

⁴ Wendy Brown, p. 27.

⁵ Wolfgang Streeck, “El retorno de lo reprimido”.

⁶ Brown, p. 27.

⁷ Branko Milanović, *Capitalismo sem rivais – o futuro do sistema que domina o mundo*. São Paulo, Todavia: 2020. O livro de Milanović também fez parte do ciclo de leituras.

eleitoral desde 2016, segundo Streeck, inaugurando um interregno entre a tendência de mais longa data de esfacelamento do capitalismo globalizado e a ausência do surgimento de uma nova ordem no horizonte.

Por fim, no último capítulo do livro, a autora busca explicar a nada evidente passagem dos sujeitos disciplinados e desinteressados na política e nas eleições para uma “forma niilista de ação”, como resultado da internalização do projeto político-moral neoliberal, que se expressou no voto. Nesse caso, o neoliberalismo teria ativado o niilismo, o fatalismo e o ressentimento, já presentes na modernidade tardia. Isso em meio a um processo de mercantilização da moralidade e moralização dos mercados, e a politização de ambos como credos dogmáticos, com a perda do aspecto orgânico e espontâneo atribuído pelos formuladores filosóficos do neoliberalismo.

No capítulo 1, em que Brown examina a crítica do neoliberalismo à sociedade, em particular no pensamento de Hayek, destaca-se um dismantelamento sistemático da sociedade em favor de uma ordem organizada pela moral e pelo mercado sob vários pontos de vista: no plano epistemológico, negando-se a existência da própria sociedade; politicamente, dismantelando o Estado de bem-estar; do ponto de vista legal, pelo manejo de reivindicações de liberdade; e, do ponto de vista ético, com a contestação da justiça social.

Como resultado, o neoliberalismo “dismantela a sociedade de massas” até reduzi-la a capital humano e a unidades familiares econômico-morais. Trabalhadores “desproletarizados” e “dessindicalizados” transformam, desse modo, seus próprios recursos (como tempo, relações) em recursos de capitalização, resultando no mundo da uberização, airbnb, entre outros. Somado a isso, transfere-se à família o papel de provedora de todos os seus membros, uma vez que são cortados os investimentos sociais básicos, como saúde e habitação.

Esse movimento de fragmentação do Estado – de esfacelamento de importantes instrumentos da luta política da classe trabalhadora e transferência da responsabilidade do próprio cuidado para os indivíduos ou unidades familiares – parece-nos um ponto de aproximação com a hipótese de interregno de Wolfgang Streeck. Entretanto, e a despeito de um possível diálogo, é importante destacar que, no seu diagnóstico, o autor dá um papel fundamental aos aspectos estruturais que movimentaram a sociedade historicamente em direção a um estágio terminal do capitalismo, algo que não é objeto da análise de Brown. O sociólogo alemão sugere que, após a crise de 2008, teríamos entrado na quarta etapa de uma crise estrutural capitalista, em que ele passa a apresentar

múltiplas morbidades e diferentes desordens que coexistem e se reforçam mutuamente (crescimento econômico declinante, crescente desigualdade, suspensão da democracia, oligarquização, corrupção onipresente, erosão das infraestruturas públicas e benefícios coletivos, entre outras). Nesse estágio, a “compra de tempo”, tal qual descrita no seu livro *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*⁸, não seria mais possível. Isso porque não há uma oposição efetiva capaz de estabilizar de novo o sistema (papel cumprido até a “revolução neoliberal” pela classe trabalhadora organizada) ou que o faça assumir uma nova forma (como no pós-guerra).

O interregno seria definido, assim, pelo colapso da integração do sistema (ou seja, no nível macro das instituições, do Estado, dos marcos regulatórios, das organizações sociais), retirando a possibilidade dos indivíduos de ter acesso a estruturas institucionais e ao suporte coletivo. Nessa sociedade, os indivíduos vivem sob estado de ameaça permanente e as expectativas só podem se dar no curto prazo por improvisações locais. Portanto, perde-se a perspectiva de progresso, ou seja, a possibilidade de planejar globalmente a vida, o futuro etc. Segundo Streeck, deixada em ruínas, a sociedade torna-se essencialmente “subinstitucionalizada” ou “subestruturada”, e por isso ingovernável. O peso de criar estrutura e de sustentar a integração (ainda que precariamente) é transferido aos indivíduos, que se tornam os responsáveis por preencher os “buracos” provocados pelo colapso do sistema.

Desse modo, o capitalismo e a sociedade capitalista teriam entrado num período de indeterminação, ou seja, em que coisas inesperadas podem ocorrer – no qual a velha ordem despencou, mas não desapareceu, e por isso estamos às voltas com as suas ruínas, mas não com uma nova ordem. Streeck e Brown apontam para uma economia em ruínas (o capitalismo financeirizado agoniza mas sobrevive), uma sociedade em ruínas (subestruturada ou sem normas civis e compromissos em comum) e uma democracia em ruínas (enxugada e limitada ao indivíduo, mas sem destruir o mecanismo eleitoral). Para Brown, a ascensão da extrema direita se daria a partir desses resíduos deixados pelo neoliberalismo, como seu próprio “Frankenstein”, representando, no entanto, uma ruptura radical com ele, como já foi dito. Já para Streeck, a ideia de “fenômenos mórbidos” que podem surgir no interregno, segundo a concepção de Gramsci, dialoga com esse diagnóstico, dando maior destaque à

⁸ Wolfwang Streeck. *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*. São Paulo: Boitempo, 2018.

imprevisibilidade do contexto: a qualquer momento algo inesperado, perigoso, que saia “grotescamente fora do lugar”, pode acontecer.

2. A internalização dos escombros

Um segundo aspecto do possível diálogo entre Wendy Brown e Wolfgang Streeck ocorre no terreno da interiorização psicológica da realidade social, ou do chão histórico em ruínas. Nesta conversa, contudo, é necessária uma cautela maior, pois Brown deixa claro que prefere não usar a concepção de ideologia, ao passo que Streeck adota o termo como recurso necessário para manter alguma estabilidade, ainda que precária, e o funcionamento da sociedade subestruturada, concentrando-se no seu conteúdo social.

Desse modo, uma tentativa de diálogo demanda algumas mediações, que sugerimos estabelecer por meio da ideia dos “distintos níveis ideológicos”, apresentada por Adorno no seu *Estudos sobre a personalidade autoritária*⁹. A formulação indica a existência de níveis mais superficiais expressos em ideias e opiniões, passando por constelações ideológicas, visões e formas de interpretar o mundo, até planos mais profundos, ligados às forças da personalidade, mais permanentes e que decorrem do desenvolvimento social e histórico. Brown destaca o ponto em que o niilismo, o ressentimento e a dogmatização do mercado, por exemplo, ativados pelo neoliberalismo, moldam a subjetividade (pensar e agir) e a cultura. Portanto, nossa proposta é situar a perspectiva de Brown nesses planos mais profundos sugeridos por Adorno.

Do ponto de vista ideológico, Streeck aponta que o neoliberalismo passou a oferecer uma reinterpretação do colapso da ordem estruturada como sendo a chegada de uma sociedade livre baseada na autonomia individual e na desinstitucionalização. Essa nova sociedade seria portanto ressignificada como progresso histórico, transformando-se de um “império da necessidade” em um “império da liberdade”. Para que o capitalismo continue a respirar (ainda que de maneira artificial), aqueles que vivem nele devem ser continuamente exortados a experimentar os destroços do que antes era uma sociedade capitalista “como um parque de aventuras”, com entusiasmo, para demonstrar sua capacidade pessoal e, com boa sorte, enriquecer. No interregno, esse “*ethos*

⁹ Theodor W. Adorno. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Unesp, 2019.

neoliberal” estimula que os indivíduos socialmente desorganizados e politicamente desempoderados ajam de formas orientadas pela “resiliência” e a “disrupção”.

Num plano mais profundo, Wendy Brown identificou aspectos da internalização desses destroços numa subjetividade moldada pelo niilismo, o fatalismo e o ressentimento que o neoliberalismo ativou. Assim como a sociedade e a democracia, os valores não desaparecem, mas se tornam triviais, ociosos, superficiais. Um sinal disso, segundo a autora, é a dissolução entre verdadeiro e falso. Por sua vez, o descrédito niilista dos valores alivia a força da consciência e liberta o sujeito da coação imposta por ela. Na explicação do seu modo de funcionamento, essa dessublimação lança de volta para fora (e não mais contra si) a vontade de potência, ou seja, de poder. O aspecto destrutivo dessa vontade desenfreada de potência revela-se no descarte de qualquer consideração pelo outro. Até mesmo a religião é instrumentalizada pelo cinismo para o uso irrestrito do poder, destaca Brown.

À desvalorização niilista, a autora acopla a ideia de “dessublimação repressiva” de Herbert Marcuse, formulada no seu diagnóstico de modernidade tardia, em que as energias instintivas são estimuladas, mas acabam cooptadas e destinadas à produção e ao mercado capitalista. Isso produz um efeito desconcertante: “Nesse contexto, menos repressão leva a um superego menos exigente, ou seja, com menos consciência, o que, em uma sociedade individualista e não emancipada, significa menos consideração ética e política”¹⁰. Segundo Marcuse em *One-Dimensional Man* (1964), na interpretação de Brown, “a perda da consciência devida às liberdades contribui para uma *consciência feliz*, que possibilita a aceitação dos crimes dessa sociedade”¹¹. Essa liberdade desinibida decorrente da “dessublimação repressiva” é apenas aparente, uma vez que reforça mecanismos de dominação: “Suas expressões”, diz Marcuse, “podem ser ousadas ou vulgares o suficiente para parecerem rebeldes ou dissidentes, obscenas, selvagens, viris e saborosas, e até um tanto quanto imorais”¹². Nesse sentido, talvez possamos dizer que lideranças como Trump, que apoiam sua comunicação na dessublimação, recorrem à ideia de “antissistema” para ofuscar a fusão com o mesmo sistema que eles representam. Isso poderia gerar algo como um “estado fusional da consciência”? A dessublimação autoriza também, segundo a autora, que o sujeito se

¹⁰ Wendy Brown, p. 203

¹¹ Ibidem

¹² Brown, 2019, p. 205 Apud Marcuse, 1964, p.77

coloque acima das regras, para criticar normas aceitas, e se sinta descompromissado com o cuidado de amanhã.

Brown destaca também o papel do mercado na intensificação do niilismo, ao se tornar princípio de realidade e de verdade moral. A consciência dos sujeitos teria sido reconfigurada e exaurida, por um lado, pela “consciência feliz”, e, por outro, pelas exigências morais do mercado (em que o neoliberalismo e o niilismo se interseccionam).

Os escombros da consciência teriam resultado numa forma “niilista de ação”. Segundo a autora, a paixão envolvida em acabar com alguém seria sinal daquilo que Nietzsche chamou de “destruição da vontade simplesmente para sentir seu poder quando a afirmação do mundo ou a construção do mundo não estão mais disponíveis”¹³. A autora não sustenta uma conexão direta, mas sugere que essa forma niilista de agir teria se expressado no ato do próprio voto.

3. Ruínas morais do capitalismo e da classe dominante

Para encerrar a exposição, gostaria de fazer alguns apontamentos sobre aspectos em suspensão na análise de Wendy Brown sobre os escombros da consciência da classe trabalhadora que se mobilizou para eleger Donald Trump em 2016 nos Estados Unidos. Um pressuposto importante para essa análise é o fato de que uma consciência capaz de operar para unir todos os seus colaboradores na transformação da realidade não está mais disponível após o desmanche da própria classe trabalhadora, do mundo do trabalho, dos sindicatos etc. Com isso em vista, a desagregação seria talvez ainda mais grave, pois subalterniza esses sujeitos a despeito do uso do recurso da supremacia, deixando-os suscetíveis a uma espécie de fusão com o próprio “sistema”.

As perguntas que surgem então são: qual é o vetor, de onde vem o impulso que transformou em escombros a consciência ou a visão de mundo dos trabalhadores? Quem transformou os valores em ornamentos, ou os banalizou? E quem fez a “revolução neoliberal”?

Tudo isso nos leva a olhar para “o andar de cima”.

Aqui, novamente, Wolfgang Streeck e Francisco de Oliveira podem nos ajudar a iluminar esses aspectos. Entre os “distúrbios sistêmicos” apontados por Streeck, que

¹³ Brown, p. 209.

levaram ao colapso do sistema e a uma sociedade subestruturada, encontram-se a redistribuição oligárquica (que inverte a lógica distributiva da justiça social) e a corrupção definida nos seus termos. A desigualdade teria ampliado em tal grau a arbitrariedade dos ricos que permitiria a eles se desentenderem de todo o restante da sociedade, ou seja, a classe dominante teria ganhado um grau de liberdade abissal para dizer “*I just don’t care, do you?*”. Streeck aponta o “risco moral” quando essas diferenças dão origem à fusão entre poder político e econômico (oligarquia). Portanto, surge a ideia de liberdade como arbítrio ativo.

Na definição de corrupção elaborada por Streeck encontramos a ideia de arbítrio. O autor usa o conceito amplamente, em uma formulação que extrapola a concepção do direito penal: “[é] a violação grave das regras legais e a traição sistemática da confiança e das expectativas morais em busca do sucesso competitivo e enriquecimento pessoal institucional, provocado pelo rápido crescimento de oportunidades de enorme ganho material em torno da economia política de hoje”¹⁴. Ele detalha os tipos de corrupção, que vão desde o mundo esportivo ao mercado financeiro.

A corrupção generalizada fez o capitalismo perder sua justificativa moral, levando à disseminação de um cinismo penetrante no senso comum. Assim, a justificativa moral capitalista também se arruína e a oligarquia – ou os poderosos – começa a se sentir desobrigada de “mascarar a realidade”.

Sobre o cinismo generalizado (ou seja, que está presente em todas as classes sociais), descrito por Streeck como “cultura da desmoralização”, Francisco de Oliveira parece dar algumas pistas. Num artigo publicado na revista *Piauí*, “Jeitinho e jeitão”¹⁵, e no Programa Roda Viva de 2 de julho de 2012, ao falar sobre o conceito de ideologia, Oliveira explica que “são os dominantes que tentam sempre burlar as leis que eles próprios criam”. O cinismo seria um atributo, portanto, dos dominantes e não dos dominados. E teria impregnado a sociedade, porque, “como se sabe desde *A ideologia alemã*”, são as ideias da classe dominante que formam as ideias da sociedade.

Uma hipótese a ser pensada é que, nessa transmissão de sentimentos, os sujeitos da classe dominada (pobres, ex-proletários, trabalhadores, classe média) “fusionam-se” aos dominantes, que dirigem em algum grau “o sistema”, por meio da interiorização da ação niilista. Portanto, a fusão como que totaliza internamente a consciência que

¹⁴ Streeck, “Capitalism: Its Death and Afterlife”. Introduction. In: *How will Capitalism End? Essays on a Failing System*. London: Verso, 2016.

¹⁵ Francisco de Oliveira, “Jeitinho e jeitão. Uma tentativa de interpretação do caráter brasileiro”, outubro de 2012. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/jeitinho-e-jeitao/>.

reconecta os subalternos a um dado grupo dominante influenciador de sua “conduta moral” em direção a sua “vontade”. O ódio às elites cosmopolitas (que se moralizaram com a globalização e que defendem ampla pauta liberal, segundo Streeck) é instrumentalizado para manter essa fusão com uma classe dominante cínica, plutocrática, numa unidade profunda que não anuncia nenhum futuro.